

2 de janeiro

*Bom, imos, mães de todo o mundo
 enviai os vossos moços a Vietnã.
 Venha, pais, não duvideis,
 enviai os vossos filbos antes de ser demasiado tarde.
 Sede os primeiros da vossa vizinhança
 em trazerdes o vosso filbo numa caixa.
 E um, dous, três,
 por que estamos a lutar?
 Não me pergunteis, a mim tanto me ten
 a seguinte paragem é Vietnã².*

Country Joe McDonald

Há uma lua ruim gestando-se no útero
 de furacões e lôstregos
 e terremotos, jura
 Creedence Clearwater Revival magoados³.
 Nos arrozais do norte o som de Dien Bien Phu
 multiplica o seu centro nos eixos da amargura
 que inflamam o lameiro de napalm e fadiga;
 o tio Hô parte, enquanto falece,
 e a música agatinha
 na praça da Quintana. O epicentro da lua
 gera sons que aconselham não saírem dos lares
 esta noite os amantes
 embora seja o tempo das estações do amor
 e o Monte da Condessa
 o cerne do Universo
 e as origens do mundo. O tio Hô combate
 nos arrozais do norte ou nas cadeias,
 entre dragões que erguem
 o vôo, configurando a feição do Simurgh
 que, uma vez após outra,

transcreve a sua imagem fractal e iterativa.
Há uma lua ruim. Angela Davis
caminha às alancadas a rua de Entremuros
enquanto no subsolo,
um filão de uniformes
cinzentos tremem, geram convulsões,
articulam o tempo
da epifania do Anjo do Extermínio.
Há uma lua ruim.
O dous de outubro em Tlatelolco sopra
um deserto de chumbo que sepulta
a imensidade viva da esperança,
prometendo injustiça, espalhando às mãos cheias
o detrito que o carnicheiro Díaz
deita sobre a lembrança da cidade,
enquanto o alarido de Cuauhtémoc
ecoa na vingança e a praça do Tournal
é a própria alegoria da trovoada civil,
a metáfora infinda da cidade ecumênica,
seja Tenochtitlán, Paris, ou Compostela
ou Praga, em primavera, ou as pedras graníticas
de Castrelo de Minho, atarinhantes
na névoa do silêncio
no silêncio do encoro. O dous de agosto,
em Donostia, o Cantábrico procria
um vento branco, que desintoxica
o folgo peçonhento de Melitón Manzanos,
Arbeit macht frei, espuma verde como a careta
de Tirano, chac, chac, a Madre Patria,
chac, chac, enfatiado de tanta dor e morte
enraizadas nas mãos de Melitón Banderas,
as suas mãos, chac, chac, trabalhando nas peles,
nos tecidos, nos órgãos. Nos arrozais do norte,
caminha Luther King, e, ao mesmo tempo,
caminha em Memphis, Tennessee,

a meia milha, Chuck, da Ponte Mississippi⁴,
caminha sobre as augas do porto de Haiphong,
caminha, atarinhando, caminha sobre as ruas
de Nanterre, caminha o seu alento
sobre o ar que apregoa a ofensiva do Tet,
quando o leão se manifesta pleno,
e o verme e o dragão acasalarem
na lua inaugural. Caminha Andreas Baader,
caminha Rudi Dutschke, Carl Raspe, Ulrike, Gudrun.
Há uma lua ruim nos arrozais do norte
e, entre os carvalhos de Santa Susana,
o gado perambula, ensimesmado,
e a face de Guevara, imaterial, vadia
nos andeis e nas poças, no vocábulo
amotinado, no cartaz austero,
embora seja a época
das estações do amor, da agrimensura
e da caligrafia, e o Monte da Condessa
o cerne do Universo e as origens do mundo,
como o lenço afirmara em proposta soberba,
e os amantes saírem, assombrados,
neste tempo das estações do amor.

13 de janeiro

AULA DE BIOLOGIA I

Mergulham-se, furtivos, na conquista do novo continente, sabendo que a surpresa concede vantagens iniciais aos agressores. Joaquin Ocón fulge roupagem reptiliana; Zabala, uniformado em Nelson lampejando na enchente de Trafalgar, projeta aceno sobranceiro, se calhar inspirado em colunas britânicas ou cariátides. O vassalo Zabala, confidente, exercita labores ressaltados, preceitua, prescreve, estabelece: *venha, Joaquin, avante, pola beira direita, imos arrodea-los*, assim fala, iludido, Zabala, enquanto reproduz os movimentos do felino à espreita da sua presa. Ocón, enraivecido, ensaia uma mudança de réptil a bovívdeo, provavelmente búfalo, olhando afoito o interior da floresta. No arvoredo elevado da aula esvoaçam pardais e cotovias, palestra o papagaio, contrabalança a garça; na savana intermédia, a girafa estica o seu pescoço, enquanto lembra Lamarck, a zebra aspira o ar, presentindo o perigo da presença do réptil e o guepardo. Na ribeira adjacente, proliferam abalos de inquietude. E, subitânea, estreia a marabunta o seu passo, enceta o caminho que conduzirá o decano Ocón ao banimento e o zelador Zabala à perpétua indignidade.

15 de janeiro

Que eu me lembre, os meus trabalhos culinários começaram numa vivenda glacial de Compostela, na rua íngreme de São Pedro de Mezonzo, quando a Voz Afrautada era ditador. O proprietário da vivenda (com igual propriedade poderia-se falar do proprietário do iglu) exercia variados empregos, cujo conjunto oferecia uma aparente discrepância, embora seja o gênero humano capaz de desenvolver diversas disciplinas manuais e intelectuais: mestre de escola, diretor de banda de música, praticante titular, técnico superior em jardinaria, conservador-técnico em encadernação e douração. Sei que o acaso, cuja aleatoriedade sempre é alheia às nossas intenções, ditou que as palavras que inauguram este texto reproduzissem quase com perfeita literalidade o começo dum relato afamado, *El inmortal* (1949) de Jorge Luís Borges (“Que eu me lembre, os meus trabalhos começaram num jardim de Tebas Hekatómpylos, quando Diocleciano era imperador”). Funes, o memorioso, responsabilizaria desta circunstância à existência duma memória infreqüente. Sigmund Freud a uma associação com raízes complexas nas regiões do inconsciente que alicerçam na infância. Em direção parelha às palavras de Borges movem-se as de Henry Hill ao início de *Goodfellas* (1990), de Martin Scorsese: “Desde que eu me lembro, sempre cobicei ser um gangster”. Duas referências tão fortes como as assinaladas fizeram-me duvidar a respeito da oportunidade de escrever a frase que enunciei ao principiar este texto, pois o espectro do plágio paira com obsessão sobre quem desenvolve qualquer atividade, notadamente quando se tratar de práticas de natureza imaginativa. O plágio e o seu reverso, a originalidade, esse cancro que jamais penetrou nos intestinos de tecedoras, oleiras e canteiros, navegadores no oceano do anonimato, carrega com fervor as armas da razão. Reconheço que uma reflexão como a

adiantada nas linhas precedentes já a realizei noutro lugar, em relação a W. G. Sebald, o qual corrobora, mais uma vez, a idéia de recuarmos sempre a determinados temas, de voltarmos sobre idéias já expressadas, na prática acirrada de tornar, com feitio de assassino, sobre o mesmo cadáver literário.